



## Candomblé, gêneros e sexualidades

(Candomblé, genders and sexualities: interview with Tata Aladaný diá Lembá)

(Candomblé, género y sexualidad: entrevista a Tata Aladaný diá Lembá)

entrevista com Tata Aladaný diá Lembá, por  
Caio Jade Puosso Cardoso Gouveia Costa<sup>1</sup>

Esta entrevista tem a intenção de somar aos diálogos sobre transgeneridades, gêneros e sexualidades dentro dos candomblés no Brasil. Partindo do desejo de um aprendiz não iniciado e transgênero de partilhar suas experiências no candomblé ao lado de seu sacerdote zelador, esta conversa procura compor com visões não excludentes das diversidades de sexo/gênero através da proposição mútua de diálogo franco e não preconceituoso entre seus participantes. Dentro dos limites de respeito à hierarquia que o candomblé apresenta, propõe-se a possibilidade de questionar e de conviver com as diferenças de condições e de perspectivas de vida dos participantes da conversa. Entrevista realizada em 8 de novembro de 2019 na Nzo Lembaringanga ni Hongolo em Itaquaquecetuba-SP.

**Ndumbi<sup>2</sup> Caio:** Makuii<sup>3</sup>, pai. Gostaria que o senhor começasse se apresentando e falando um pouco sobre a Nzo<sup>4</sup>.

**Tata<sup>5</sup> Aladaný:** Certo. Makuiu ua Nzambi<sup>6</sup>, meu filho. Pai Lembarenganga<sup>7</sup> te abençoe sempre. Bom, religiosamente falando sou Tat'etu riá Nkisi<sup>8</sup> Aladaný, fui iniciado no candomblé Angola,

---

1 Caio Jade Puosso é graduado em Filosofia (USP) e mestrando no programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP). E-mail: cjpuosso@gmail.com.

2 Posto de aprendiz, não iniciado.

3 Saudação no candomblé de Angola.

4 Casa ou terreiro.

5 Pai.

6 Resposta à saudação.

7 Divindade da nação Angola.

8 Cargo mais alto na nação Angola; sacerdote.



*ndanji Kasanji*, uma raiz quase extinta, mas ainda existem algumas pessoas dessa raiz *Kasanji*, bem primordial. A Nzo Lembaringanga ni Hongolo é uma casa parcialmente nova. Foi fundada em 2016, em 13 de julho de 2016, por mim mesmo e é presidida por mim até hoje, com muitos filhos, graças a *Nzambi*<sup>9</sup>, espalhados por aí, Brasil e afora. O que é a *Nzo* ‘pra’ mim? Para mim, a *Nzo* é meu tudo, é a minha casa, é a casa do sagrado, a casa do nosso sagrado, a qual eu estou à frente, no comando da *Nzo*, fazendo a vontade do *Nkisi*<sup>10</sup>, fazendo a vontade do sagrado, dos encantados. A *Nzo* hoje é um local de resistência. É, sim, um *kilombo*<sup>11</sup>, que preza pela tão falada minoria de pessoas, a qual somos maioria. Onde a condição social não é visada e a questão da sexualidade tem sua receptividade. Nós abraçamos a tudo e a todos sem distinção, basta ter a vontade de vir louvar o sagrado e fazer a vontade do sagrado, o que é mais importante. Academicamente falando, sou formado em *MBA* de gestão de pessoas, sempre atuando com gestão de pessoas, também *coaching*. Tenho 35 anos de idade, 17 anos de iniciado para *Nkisi Lembaringanga e Hongolo* e, hoje, presidente da *Nzo Lembaringanga ni Hongolo*.

**NC:** *Pai, como gênero e sexualidade seriam importantes dentro do candomblé? Dentro da Nzo, especificamente.*

**TA:** Filho, a sexualidade tem seus pontos a serem considerados, reconsiderados e tratados. Sexualidade é uma coisa que sempre existiu, desde os primórdios. Desde o princípio de tudo, existe a questão homoafetiva e sempre existiu a questão dos transgêneros, só que tida, para alguns, como algo horrendo, hediondo. Já para outros, como em algumas tribos indígenas, pelo que li recentemente, essas pessoas eram consideradas superdotadas. Na *Nzo* hoje, somos um lugar de resistência, então, nós temos, sim, muitos héteros, famílias completas frequentantes, muitos homossexuais, e transgênero também, porque para o sagrado o que mais importa é a fé, o respeito, o coração. O sagrado conhece nosso coração. O candomblé tem suas particularidades no que tange ao gênero, às funções masculinas e às funções femininas, tem sim. Lembrando que o candomblé é uma religião que surgiu com mulheres, com as negras do *kilombo*, também com os negros. Antigamente quem tocava atabaque, se não elas? Quem ensinou os homens a tocar? Fica aí um pensamento. Visto que no candomblé, pelo menos no candomblé Bantu, *Nkisi* não tem gênero definido, pois *Nkisi* é a própria natureza em sua forma original, genuína. Nada me garante que a água é do gênero feminino ou que a terra é do gênero feminino ou masculino. Falando do povo *Bantu*<sup>12</sup>,

9 Divindade suprema no candomblé de Angola.

10 Divindades cultuadas no candomblé de Angola.

11 Comunidade; refúgio.

12 Tronco etnolinguístico de povos da África subsariana.



*Nkisi* é a própria natureza e *Nkisi* conhece o coração de cada pessoa. Hoje a polêmica maior dentro das roças de candomblé é a questão do transgênero, porque um homossexual, um gay ou uma lésbica têm suas funções pré-definidas, ou seja, essa é a orientação sexual deles, porém eles estão no corpo de um homem ou de uma mulher, atuando nas suas particularidades, fazendo as suas funções de acordo com seus gêneros. Já o transgênero, o homem que nasceu no corpo de uma mulher e a mulher que nasceu no corpo de um homem, isso está ligado à ancestralidade de cada um...

*NC: Em que medida, pai?*

**TA:** Se a gente partir do pressuposto que nós não somos o início e nós não seremos o fim, que é um atributo do candomblé, é algo que nós cremos, nós não somos sozinhos. Nós viemos aqui neste mundo, pisamos aqui no *ixí*, no chão, na terra, não viemos sozinhos, temos nossos ancestrais, não nascemos de chocadeira, afinal. Nós temos pai, mãe, temos avôs, avós, madrinhas e padrinhos, tios, tias e toda uma gama de pessoas atrás da gente, que vieram antes de nós. No que os kardecistas chamam de reencarnação, um homem pode reencarnar como mulher e uma mulher, como homem, e ele pode trazer sua sexualidade anterior. Ou seja, um homem pode reencarnar no corpo de uma mulher e vice-versa, na visão kardecista, por exemplo. No âmbito da religiosidade do candomblé, um homem pode vir com sua ancestralidade feminina e uma mulher pode vir com sua ancestralidade masculina. Essa é uma questão muito ampla, abrange fundamentos e eu não vou entrar nesse mérito, mas citando você, por exemplo, que é trans. Você pode ter a influência das suas ancestralidades masculinas, dos seus ancestrais masculinos. Por isso que hoje você se vê, você se identifica e você se sente como homem mesmo tendo nascido no corpo de uma mulher. É como você se sente e você se vê e eu acredito que o próprio sagrado entenda isso, porque o sagrado é inteligente, é visionário. Então, quando você nasceu, ele já sabia o que e quem você seria. Quando eu nasci, *Lembá*<sup>13</sup> já sabia o que eu seria e como seria. É isso que quero dizer quando falo que o transgênero está ligado no que tange a ancestralidade.

*NC: Não sei se o senhor conhece uma Makota*<sup>14</sup>, *eu não lembro a dijina*<sup>15</sup> *dela, mas ela é recém-falecida...*

**TA:** *Makota* Valdina.

---

13 Outra designação para Lembaringanga.

14 Cargo feminino dentro da casa de candomblé de Angola.

15 Nome.



*NC: Isso... ela falava abertamente em entrevistas contra a mudança de gêneros. Falava que mulher é mulher e homem é homem, que cada um tem seu lugar dentro do candomblé e não tem que ficar misturando esses papéis. O que o senhor pensa sobre isso?*

**TA:** *Makota* Valdina era uma *Makota* muito respeitada, muito conhecida, muito militante. Tanto que hoje nós temos a Frente *Makota Valdina*<sup>16</sup> como uma forma de militância. Eu concordo com ela em partes. Lembro que, na ocasião dessa entrevista, eu fiz uma postagem nas redes sociais também me posicionando quanto a isso, respeitando o posicionamento dela. Realmente, para o candomblé, existem funções masculinas e funções femininas. Tocar uma *ngoma*<sup>17</sup> é uma função masculina de fato, mas nada impede que uma mulher, se houver necessidade e se ela souber, ir para uma *ngoma* tocar. Mas tem que haver o respeito à hierarquia, se tem o homem ali para fazer isso, não tem porque uma mulher fazer. E o inverso também é verdadeiro. Existem funções femininas que homens façam. Por exemplo, quando se trata de uma *Kota*<sup>18</sup> *Rifula*<sup>19</sup>, que é responsável pela cozinha, por cuidar da comida do sagrado. Esse é um cargo feminino que uma *Kota Rifula* ou outra *Makota* deve exercer, mas que eu exerci por 16 anos na casa de meu pai. Mesmo não tendo o cargo de *Kota Rifula*, porque não existe *Tata*<sup>20</sup> *Rifula*, eram funções que eu, gênero masculino, independente da minha sexualidade, exercia. Se tivesse uma outra pessoa ali para fazer, não teria porque eu fazer, a menos que fosse para ensinar. Entendeu? Assim como também pode chegar uma mulher para ensinar um homem a tocar, não tem problema, mas é lógico que existem as questões de preceitos a serem seguidos. Meu pensamento é justamente esse: por uma questão hierárquica, por uma questão de respeito com nosso irmão que está ali, se existe a pessoa que é responsável por aquela função, nós não podemos passar à frente dela. É mais uma questão hierárquica e ética que a questão de uma proibição, de uma *kizila*<sup>21</sup>, por exemplo. Eu lembro que naquela entrevista a *Makota* Valdina frisou bastante a questão do homem não poder usar pano da costa ou um turbante. Ninguém nunca soube me explicar onde está essa proibição e o porquê dela. Sendo que nossos ancestrais na África, os homens trajavam pano da costa e muitos torsos. Assim como diversos sacerdotes antigos, que já se foram inclusive, usavam pano da costa.

*NC: O que seria o masculino e o feminino para o senhor?*

---

16 Articulação política em defesa das religiões de matriz africana.

17 Tambor.

18 Abreviação de *Makota*.

19 Cozinha.

20 Cargo masculino dentro da casa de candomblé de Angola.

21 Interdição.



**TA:** O feminino e o masculino, falando do ser humano, é o que ele é e qual papel ele exerce na sociedade. Trazendo isso para o âmbito do transgênero, o homem trans se sente um homem, ele age como homem, ele vive como homem, então ele é homem trans. Uma mulher trans age como uma mulher, vive como uma mulher, se comporta como mulher, ela se sente mulher, então ela se faz mulher. Acho que a questão masculina e feminina está muito além dos órgãos genitais. A sexualidade está muito além, é muito mais ampla, que o órgão genital em si. Só é homem quem tem pênis e só é mulher quem tem vagina? Não. A gente não pode se fechar nesse sentido. É homem quem age como homem e é mulher quem age como mulher. Trazendo para o âmbito religioso, *Nkisi* é assexuado. Se a gente parar para observar e não formos hipócritas, *Nkisi* não tem gênero. A gente se aproxima daquilo, então a gente acredita que *Ndandalunda*<sup>22</sup> é um gênero feminino. Assim como a gente assimila que *Lembá* é uma divindade de gênero masculino. Mas quem garante isso?

*NC: Como os mais velhos do senhor lidavam ou lidam com as pessoas LGBT?*

**TA:** Falar de LGBT é muito amplo, né? Boa parte dos meus ancestrais, eu acredito que existiram muitos homossexuais incubados, não assumidos. Acredito nisso, porque nós somos de uma religião acolhedora. Os meus antigos viam apenas homem e mulher, independente da sexualidade, é a forma que cada um nasceu, mais ligado ao corpo e ao órgão genital, é o que ele vai ser, o que ele vai exercer. Para eles, um homem trans é mulher, porque tem vagina e uma mulher trans é homem, porque tem pênis. Inclusive pessoas de hoje, não precisamos ir muito longe, não, tratam desta forma: homem e mulher, apenas. O que é uma bobagem a meu ver. Respeito, mas não concordo.

*NC: Qual é a diferença para o senhor entre uma pessoa trans e uma pessoa gay, lésbica ou bissexual?*

**TA:** Nenhuma. Se eu falo de um homem homossexual, de um gay, ele é um homem que tem sua orientação sexual por homens. Uma mulher que é lésbica tem sua orientação sexual voltada para mulheres. Um trans é o que ele se sente, porque a natureza dele é masculina ou feminina. Um homem trans, a natureza dele é masculina. Uma mulher trans, a natureza dela é feminina. Tudo isso sempre existiu. Não vejo grandes diferenças. Do ponto de vista das atribuições das funções, como falamos, existem cargos que são masculinos e cargos que são femininos, mas também existem outras atribuições que pessoas trans podem exercer. Existem outras funções. Não é por

---

22 Divindade do candomblé de Angola.



preconceito, é para não mudar a tradição nesse sentido. Existem muitas atribuições, muitas funções na roça de candomblé que podem ser exercidas por todos.

*NC: Pai, o que seria o candomblé para o senhor e qual seria a importância do candomblé na vida das pessoas?*

**TA:** Candomblé para mim é mais que uma religião, candomblé é uma doutrina de vida, candomblé é administração, candomblé é hierarquia, candomblé é respeito, candomblé é humildade. Candomblé é minha vida. Candomblé é uma filosofia de vida, porque um bom candomblecista, diferente de outras religiões, não vai para o seu templo uma ou duas vezes por semana, participa de um culto, vai para sua casa e vida que segue. Nós, candomblecistas, somos religiosos, vivendo e praticando a religiosidade. Vivemos candomblé, vivemos *Nkisi* todos os dias, a todo momento, porque no ar que nós respiramos, habita *Nkisi*; no chão que pisamos, habita *Nkisi*; na água que mata nossa sede, habita *Nkisi*; no alimento que mata nossa fome, habitou *Nkisi* e é fruto dele; na terra que consome nossa vida após nossa partida, travessia do rio da vida, habita *Nkisi*. Em tudo, onde há natureza, há *Nkisi*. Então, um bom candomblecista vive envolto da natureza, respeita a natureza, cultua a natureza e cuida dela, constantemente, a todo momento. É uma filosofia de vida, porque vivemos candomblé, vivemos *Nkisi* e vivemos o sagrado constantemente. Um bom candomblecista deixa de ir em uma festa mundana para louvar e agradecer *Nkisi*. Um sacerdote larga sua vida para cuidar de *Nkisi* dele e dos filhos e de todos aqueles que o procuram e têm fé. O bom candomblecista vive o sagrado quando usa seu branco ao nascer, no dia do seu santo, no dia da semana do seu *Nkisi*, ou quando completa aniversário de iniciado; quando usa seu branco em todos os momentos importantes da vida, porque o branco é nossa cor universal. Usa-se o bom branco, inclusive, quando um irmão, um ente querido ou até nós mesmos, partimos dessa vida, atravessamos o rio da vida. Então é constante, é a cada momento, a cada palavra que nos é dita, a cada palavra que dizemos, é envolto da nossa fé, é envolto da nossa filosofia, é envolto do nosso sagrado, é envolto nos nossos ancestrais. A importância do candomblé é tudo isso que mencionei. É o que me mantém vivo, em pé. É o que um dia me tirou do fundo do poço, é o que um dia não me deixou me perder na vida. Candomblé, para mim, é de extrema importância, porque é o que eu vivo, é onde eu nasci e para o que eu nasci.

*NC: Para finalizar, o que o senhor diria para pessoas LGBT que fazem parte do candomblé e que por vezes se sentem desrespeitadas e não conseguem se integrar em suas famílias?*

**TA:** Primeiro ponto, filho, é que, por mais que magoe, porque existem muitas piadinhas, eu sei, principalmente em roças de candomblé que não aceitam o transgênero, é não se permitir ser



maltratado e não ficar magoado com isso, porque o mal não está no trans que está ali. O mal está na ignorância de quem opta por não acolher. Ou seja, o mal não está em você, o mal estaria em mim se eu não te acolhesse por preconceito. Eu falo que chega a ser hilário um candomblecista agir com preconceito. Logo nós que somos tão rejeitados e apontados pela sociedade em todos os sentidos. Então, digo aos sacerdotes em suas casas que ampliem, que abram suas visões, abram suas mentes e acolham a comunidade LGBT. Acolham, porque nós somos uma religião de escolhidos e a escolha da divindade nunca foi uma questão de gênero e sexualidade em si. Aos sacerdotes, digo que recebam em suas casas, que abram suas portas e que acolham a comunidade LGBT. Façam parcerias, façam parte. Nós cremos que os sacerdotes estão com uma visão um pouco além, que são pessoas sábias, então que acolham a comunidade LGBT. Acolham seus filhos trans. Vejam o que o *Nkisi* daquela pessoa tem a dizer sobre ela, porque o divino conhece cada pessoa desde o nascimento, então não cabe a nós recriminar. Recebam em suas casas e os tenham como filhos, porque para os recriminar já tem toda uma sociedade. E que a comunidade LGBT tenha um pouco de paciência para não levar tudo a ferro e fogo, porque a sociedade não está preparada para um evento dessa magnitude, digamos assim. Essa explosão LGBT, LGBTQ+, né? porque já tem um monte de siglas. Essa explosão que vem crescendo a cada dia. As pessoas vêm tomando coragem de assumir suas personalidades. Se nós do candomblé não acolhermos os trans, os homos, quem vai acolher? Então, que os sacerdotes acolham. Não é à toa que o candomblé é a religião que mais tem homossexuais, porque é a religião que nos aceita como nós somos.

*NC: É a religião que tem mais pessoas trans e travestis também...*

**TA:** Pessoas trans também, acredito eu. Muitas travestis, exatamente, estão ligadas ao candomblé, muitos trans também, porque é uma religião que aceita. Não cabe, não condiz, não aceitar estes filhos. O sagrado nos criou desta forma, nos ama desta forma, nos aceita desta forma. Antes da pessoa saber o que ela iria se tornar, o sagrado já sabia. Eu sei que é difícil, mas tenham paciência. Candomblé é uma religião de escolhidos e nós fomos escolhidos. O candomblé é para todos, infelizmente nem todos são para o candomblé. Quando falo que nem todos são para o candomblé, estou falando de personalidade e caráter e não de sexualidade e gênero. Então digo: venham sim conhecer nossas casas, venham conhecer o candomblé, venham agregar ao candomblé, e vamos juntos à luta.



**NC:** Nzambi ua kuatesa<sup>23</sup>, *pai*. *A benção*.

**TA:** *Aweto*<sup>24</sup>, filho, que pai *Lembá* te abençoe sempre.

---

23 Forma de agradecimento no candomblé de Angola.

24 Resposta ao agradecimento.

